

Ratos e cupins visitam os museus de Brasília

Falta verba e interesse da população em conhecer os acervos da cidade

Um povo sem memória corre o risco de repetir a História. Por isso vivemos incidindo nos mesmos erros. Os museus precisam da atenção dos governos para conseguir preservar a memória brasileira". O desabafo de José Olegário Ferreira Aganete, chefe do Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, resume a queixa dos responsáveis por museus em Brasília. A falta de verba constante e adequada e a inexistência de um trabalho coordenado entre os órgãos de cultura e educação acabam por deixar os museus aos cuidados de ratos, traças, cupins e fungos.

Entre os 21 museus disponíveis no Distrito Federal, incluindo monumentos considerados como tais, os mais visitados são aqueles que ficam no centro do Plano Piloto, estão relacionados a Juscelino Kubitschek ou são itinerantes — o Museu de Entorpecentes, aberto ao público desde 11 de março do ano passado, conseguiu que cerca de 73 mil pessoas vissem seu acervo, porque carregou seu material para vários pontos da cidade, inclusive Alameda Shopping.

Segundo diretores de diversos museus, o público normal é composto em sua maioria de estudantes e turistas. As escolas de Brasília têm projetos conjuntos com os museus e programam aulas livres para os alunos, procurando incentivar, com a visitação a esses locais, o apego à História e à cultura brasileiras. Há também as oficinas que alguns museus oferecem e que acabam por despertar a atenção da comunidade para o acervo de que dispõem.

Passeio — A ocasião em que o brasiliense vai a algum museu da cidade é quando recebe a visita de um parente. Como Brasília reúne pessoas de todos os estados do País, os familiares que aqui chegam são das mais diversas naturalidades. Para José Olegário, "vivemos um caos da consciência crítica, porque os brasileiros procuram os museus como um motivo para sair e não como necessidade de conhecimento". Sem parente de fora em casa, não há ida a museu.

A mesma idéia de passeio está nos museus itinerantes. Aproveitando a hora de lazer do brasiliense ou o horário das compras, o Museu de Entorpecentes conseguiu mostrar seu acervo para 14 mil 300 pessoas no Alameda Shopping, em Taguatinga. O Conjunto Nacional foi outro centro de compras que exibiu acervos de vários museus de Brasília para um público generalizado. No entanto, apenas peças fáceis de se remover foram expostas no CNB. O objetivo era dar uma idéia do que tinha cada museu e despertar interesse para visitá-lo. Uma tentativa de unir consumo e cultura.

Antigo — As razões para se visitar um museu são as mais variadas. De pesquisa, aulas, busca do conhecimento em geral, passeio, até conseguir um cantinho escuro para namorar, tudo é motivação. No entanto, o lado mais sério da questão é a falta de valorização da cultura brasileira e o esquecimento do passado, do antigo.

Para o chefe do Conjunto Cultural da Caixa, José Olegário Aganete, "a elite brasileira intelectual adora criar museus, mas, à medida que são cria-

sanato nordestino? Mas, é claro, que a memória de Brasília e de sua construção já fazem parte da História, apesar de ser uma cidade de apenas 31 anos, às vésperas dos 32.

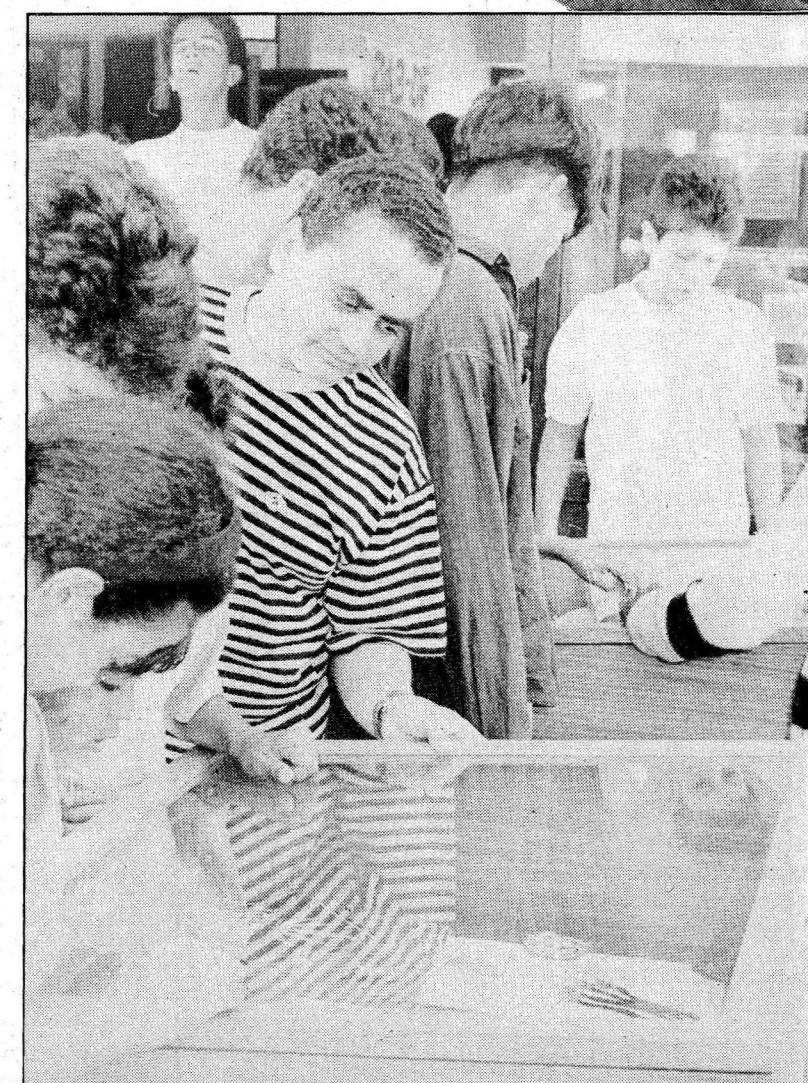
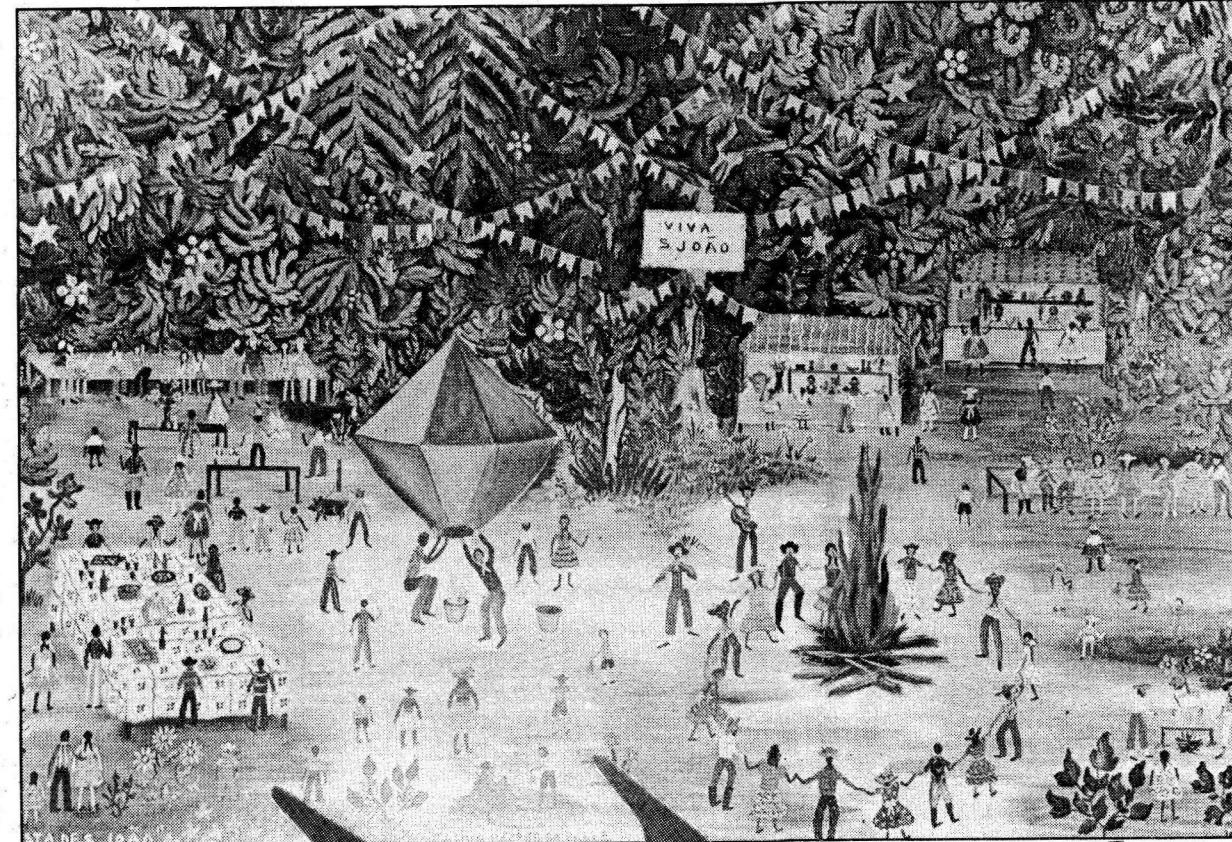
Catetinho — Um bosque com mais de 70 espécies de plantas e quatro nascentes de água já são um bom motivo para passeio. E quem visita Brasília não perde. De janeiro a julho de 1992, quase 12 mil 878 pessoas foram ao Catetinho ver onde Juscelino Kubitschek ficava quando vinha a Brasília, até a conclusão do Palácio da Alvorada. Construído em apenas dez dias, foi inaugurado em 31 de outubro de 1956. Conserva móveis e objetos originais, além de documentos e registros do início de Brasília.

MAB — O Museu de Arte de Brasília, no Setor de Hotéis e Turismo Norte, entre a Concha Acústica e o Palácio da Alvorada, recebeu em 1992 aproximadamente três mil visitantes. O lugar em que está situado e a falta de divulgação de suas exposições comprometem a visitação. Segundo Maria de Fátima Guimarães, museóloga do MAB, quando há divulgação, nos jornais da cidade, sobre uma exposição do MAB, o museu en-

Cavalcante. A maioria estudantes, através de programação das escolas. Outros pesquisando sobre Brasília e alguns turistas no final de semana. Oferece oficinas de madeira, barro, capoeira e memória, entre outras, com cursos regulares. Seu acervo é composto por três coleções: Estúdio de Mário Fontenelle, Brasília Palace Hotel e Hospital JK. Acabou de receber a doação do equipamento de trabalho do primeiro barbeiro do Núcleo Bandeirante.

Memorial JK — Provavelmente o museu mais visitado da cidade, pois recebe em média 400 pessoas por dia, o que dá um total de 144 mil visitantes por ano. O Memorial JK é bastante procurado por turistas, que desejam conhecer algo mais sobre Juscelino Kubitschek. Além dos restos mortais de JK, abriga documentos históricos, objetos do governo JK e a biblioteca do ex-presidente. Inaugurado em 1981, é um projeto de Oscar Niemeyer, que programou para o monumento um auditório para palestras, conferências e projeção de slides. O Memorial já foi visitado por chefes de estado e de governo, como François Mitterrand, Mário Soares e primeira-ministra da Noruega, ano passado, segundo informou o coronel Affonso Heliodoro dos Santos, secretário-geral do museu. Alemães, italianos e espanhóis são os estrangeiros

Engana-se quem pensa que museu só tem antiguidades. As artes plásticas também estão bem representadas



O Museu de Entorpecentes vai aos shoppings para atrair público

dos, logo ficam abandonados às goteiras, ratos, traças, cupins e fungos diversos". Uma empolgação de momento que tem sua raiz no que ele chama de "compulsão pelo novo". E explica: "A sociedade brasileira tem uma compulsão pelo novo. Da Marquês de Sapucaí ao Congresso Nacional se encontra essa compulsão pelo novo. Nas chapas de diretórios acadêmicos, nas escolas de samba, em nomes de lugares, enfim, o que vale é o novo: Novo Tempo, Brasil Novo, Cruzeiro Novo, Nova República, Estado Novo etc."

No entanto, se engana quem acha que no museu só tem "antiguidades". Afinal, o que é mais atual que cocaína, maconha, heroína, remédios que causam dependência, dinheiro, selos, arte contemporânea, trabalhos indígenas — com toda a presença de sua cultura e provável extinção — e arte-

che. Para ela, a época de maior frequência do Museu de Arte de Brasília é no período escolar, quando recebe alunos da UnB, interessados tanto na arquitetura quanto no acervo, e estudantes de outras escolas.

Em condições precárias, o MAB necessita de uma reforma em sua estrutura e de manutenção de suas obras, mais de 700, representativas da arte brasileira das últimas três décadas. Além do acervo permanente, possui programa de exposições temporárias e oficinas para a comunidade. Em março de 1992 foi criada a Amarte, Associação dos Amigos do Museu de Arte de Brasília, visando a obtenção de mais apoio e doações.

Memória Candanga — Situado no Núcleo Bandeirante, o Museu Vivo de Memória Candanga teve dois mil visitantes em 1992.

Museu da Caixa — O Museu

da Caixa apresenta um panorama econômico-financeiro do Brasil nos últimos 132 anos. Lá podem ser vistas cédulas de poupança de senhores de escravos, onde estes depositavam economias para comprar sua liberdade, e uma agência de 1930. As artes plásticas brasileiras também estão bem representadas neste museu: Di Cavalcanti, Djahira, Sciliar, Glauco Rodrigues, Aldemir Martins, Rebolo Wellington Virgolino e Newton Cavalcanti são alguns.

Museu Etnográfico — Expõe a arte indígena e tem uma biblioteca especializada em Antropologia. Localizado no SGAN 609, foi criado em 1972 e procurado por 31 mil 578 pessoas desde aquele ano.

Lourdes Duarte